
O MARAJÓ EM DEBATE: ENTREVISTA COM A PROFESSORA ANA SMITH

Entrevistadores

William Lima Duarte Oliveira¹
David Junior de Souza Silva²

Apresentação

O objetivo desta entrevista é debater as características sociais e culturais do Arquipélago do Marajó. Sua sociedade, cultura, política e economia. Aqui entrevistamos a professora Ana Smith, docente da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará Campus Marajó/Breves. A professora Ana Maria Smith Santos é doutora em Antropologia, e pesquisa as temáticas de gênero, educação, serviço social, direito do idoso, política social e formação profissional.

O Arquipélago do Marajó localiza-se no norte do estado do Pará, que tem em seu processo de formação histórica e no ambiente geográfico em que se encontra as bases que sustentam e explicam suas especificidades.

Por outro lado, partindo do campo de estudo das ciências humanas, a região ainda é relativamente pouco pesquisada. Este é certamente um dos efeitos do processo de invisibilização pelo qual passa o arquipélago do Marajó. Pode-se dizer que isso se deve à herança colonial, deve-se ao próprio campo de conhecimento das ciências humanas que ainda têm um caráter fortemente eurocêntrico, e ainda, por ser uma região subalternizada em um país marcado por desigualdades regionais expressivas.

Esta invisibilização simultaneamente social e científica é enfrentada majoritariamente pelas professoras e pesquisadoras situadas no Marajó e ética e politicamente comprometidos com a sociedade marajoara. Uma destas professoras é Ana Maria Smith, que nos concede esta entrevista hoje.

1. O silenciamento, a invisibilização e o ocultamento são práticas utilizadas para obstruir aqueles que foram e são desumanizados no mundo eurocêntrico; tratados como se não pudessem *ser* somente porque são diferentes étnica, cultura e socialmente. Historicamente viu-se que se reproduziu em diferentes escalas e em várias partes do mundo, especialmente no continente africano e no continente latino-americano. Seria pertinente afirmar que existe uma invisibilização do Marajó? Pensando essa questão, de que forma se dá a invisibilização do Marajó e como enfrentar esse problema?

Ana Smith: Sim, é correto, podemos falar mais especificamente sobre a parte ocidental do Marajó que sofreu processos de exploração de seus recursos naturais, por meio dos diferentes ciclos de exploração dos recursos naturais, assim a população originária também sofreu impactos da retirada de seus recursos. Junto a isso o silenciamento e as invisibilizações

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá. E-mail: williamlimaduarte@outlook.com.br.

² Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Amapá. E-mail: david@unifap.br.

também fazem parte desse processo.

Atualmente os silenciamentos são perceptíveis por meio da difusão midiática em tom alarmante e negativo dos índices de desenvolvimento humano da região, porém, não se vê ações específicas do Estado para a diminuição desses índices. Os projetos que o Governo Federal tem planejado para enfrentamento desses problemas reais, são voltados para ações esporádicas e pontuais, nossa crítica está, justamente, que essas ações pontuais não procuram resolver o problema de forma estrutural, nem tão pouco procuram conhecer ou ouvir os sujeitos de direitos afetados por eles, que é a população marajoara. Podemos citar como exemplo o programa do Governo Federal “Abrace Marajó” que foi anunciado em julho de 2019, entretanto, somente foi oficializado em março de 2020 e se concentra em conceder cestas básicas para a população carente. Enquanto isso, o abuso e a exploração sexual, a fome, o trabalho informal, casos de violações de direitos quanto ao idoso, as crianças e aos adolescentes se perpetuam e promovem o silenciamento desses segmentos sociais.

Diante do exposto, acreditamos que o enfrentamento adequado aos diferentes problemas presentes no território marajoara está relacionado à promoção de estudos com fundamentação científica, ou mesmo à valorização das pesquisas já existentes na região, muitas delas são pautadas na análise da interseccionalidade de classe, de raça, de gênero e de etnia e apontam que os segmentos sociais, que compõem esses recortes populacionais, são os mais atingidos por inúmeros problemas sociais.

Outra medida é promover políticas públicas de enfrentamento da pobreza, da violência doméstica, da exploração sexual, do trabalho infantil, da desvalorização do idoso, do trabalhador formal e informal, bem como realizar o enfrentamento às drogas. É necessário também valorizar e promover a saúde tanto dos que vivem nos núcleos urbanos quanto dos que vivem nas regiões ribeirinhas, promover a educação e o saneamento, bem como deve-se agenciar o acesso à água de qualidade. Enfim, são muito os caminhos que podem ser seguidos para se resolver os diferentes problemas sociais que afligem a região marajoara, o que está faltando, na nossa avaliação é o interesse político e o compromisso das instâncias governamentais a nível federal e estadual que possa agir de forma integrada com a gestão municipal.

2. A economia que foi forjada aos países do terceiro-mundo, especificamente à América Latina, é predatória e destrói formas de vida humana, ambiental e animal. O Brasil permanece sendo um país primário-exportador, um país conhecido como a fazenda do mundo. Há alternativas que partem da nossa própria região, do nosso contexto específico que é o amazônico, como o bem viver, alternativas na ecologia política. Existem alternativas econômicas que não se aproximam do tipo predatório no Arquipélago do Marajó?

Ana Smith: As comunidades tradicionais nos mostram que a sua sobrevivência se perpetua por meio de práticas em sintonia com a natureza, seus costumes de plantar e dela retirar sua produção para se alimentar e alimentar os seus, nos mostram que por anos e anos conseguiram sobreviver sem, portanto, fazer a exploração da terra aos moldes capitalistas. Posso citar exemplos de narrativas de idosos que hoje residem no núcleo urbano de Breves que nos relatam com nostalgia o tempo em que conseguiam plantar e criar quando viviam em localidades rurais. Suas falas são de saudades do tempo em que conseguiam ter uma vida produtiva e ao mesmo tempo podiam usufruir dos benefícios de quem lida com a natureza e dela pode

extrair seu sustento.

3. O Brasil é um país de enorme extensão territorial, a Amazônia brasileira compreende boa parte dos limites territoriais do país. Com mais de 200 milhões de habitantes, o Brasil teve em sua formação a mistura de diversos povos. Diante disso, é de se esperar que culturalmente essa diversidade permaneça, sendo criada e recriada de forma contínua. Isto posto, quais são os principais elementos da cultura Marajoara? Qual sua gênese?

Ana Smith: Um importante estudo feito sobre o Marajó organizado por Denise Schan e Cristiane Pires Martins (2010, p. 10)³, identificou-se os povos originários marajoaras através de diferentes etnias indígenas. Este estudo apontou “ao todo 169 sítios e 30 ocorrências arqueológicas nos seis municípios pesquisados” do Marajó: “Bagre, Breves, Gurupá, Melgaço, Portel e Santa Cruz do Arari”. Um dos elementos que identificam a cultura indígena no marajó é por meio de sua cerâmica.

Outros estudos apontam especificamente que em Breves e os municípios que compõem o marajó ocidental que a cultura também está marcada pelo território e seus elementos que o compõem, ou seja, elementos referentes à floresta, aos campos e aos seus recursos naturais. Sarraf-Pacheco, em sua dissertação de mestrado, define que o Marajó oriental deve ser conhecido pela paisagem de campos, já o ocidental pela paisagem dos rios e florestas.

Em um texto elaborado para a obra “Muito além dos Campos”, Sarraf-Pacheco (2010, p. 18)⁴ identifica os povos que estavam presentes no território e que lutaram contra a invasão dos portugueses:

O labirinto de ilhas, os “Marajós”, e seus habitantes cravados na foz do território a ser conquistado, não assistiram, passivamente, àquelas estranhas chegadas de gentes tão diferentes de suas visões humanas. Experientes em contatos e guerras tribais anteriormente vividas, entre si e com outras nações, Aruãns, Sacacas, Marauanás, Caiás, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Pacajás, entre outras e os batizados de Nheengaíbas, enfrentaram as armas portuguesas por quase 20 anos.

Por outro lado, o historiador aponta que a resistência das diferentes nações indígenas foi aos poucos tendo interferência pela atuação da colonização agenciada pela igreja, seguindo os moldes de ações dos jesuítas e pautados nas visões missionárias perpetradas no início da colonização da Amazônia.

é preciso ainda recuperar aspectos da ambígua importância dos missionários coloniais na história da região. No próprio pronunciamento dos bispos é possível depreender tais dimensões. Se o padre Antônio Vieira foi o único a conseguir estabelecer o acordo de paz em 1659, depois das sequentes derrotas portuguesas para as nações Nheengaíbas, tornando possível o acesso e tráfico de canoas e embarcações aos rios marajoaras, acabou abrindo as portas da região à esca-

³ SCHAAN, Denise Pahl e MARTINS, Cristiane Pires (Orgs). “Apresentação”. Muito além dos Campos: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. – Belém: GKNORONHA, 2010

⁴ SARRAF-PACHECO, Agenor. “A CONQUISTA DO OCIDENTE MARAJOARA: Índios, Portugueses e Religiosos em Reinvenções Históricas”. In: SCHAAN, Denise Pahl e MARTINS, Cristiane Pires (Orgs). Muito além dos Campos: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. – Belém: GKNORONHA, 2010.

vização e extermínio dos aborígenes. “Esse contato ‘pacífico’ teve efeitos perversos para as populações indígenas que foram desculturadas, destribalizadas, e dispersas pelo território amazônico (Sarraf-Pacheco, 2010, p. 29)

4. A introdução e avanço de multinacionais e empresas nacionais na exploração econômica da natureza na Amazônia é evidente e afeta todo o ecossistema da floresta e os povos. A região perpassa o Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela. No Brasil, a exploração de recursos da floresta varia da extração de minérios, derrubada da floresta por madeireiras, extração de recursos de empresas do ramo cosmético, implantação hidrelétricas etc. Evidentemente, as populações tradicionais, como indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, agricultores familiares e outros são os mais afetados. Existem problemas relacionados à exploração econômica no Marajó? Se existe, qual a dinâmica de conflitos no Marajó? Quais são as populações mais afetadas?

Ana Smith: Sabe-se que os ciclos econômicos na região das florestas do Marajó estiveram baseados na exploração de seus recursos naturais. O ciclo que mais marcou Breves foi a exploração madeireira, como consequência desse extrativismo desordenado e financiado pelo capital foram: o desmatamento, o recrutamento e a exploração de mão de obra de família ribeirinhas. Após o fechamento das madeireiras, inúmeros trabalhadores foram abandonados, ficaram sem emprego e sem a indenização pelo tempo de serviço. Por outro lado, notou-se que parte da população a qual foi utilizada como mão de obra na exploração madeireira, acabou perdendo seu vínculo com a terra e seu hábito de cultivar.

5. Tendo em vista o legado da herança colonial deixado ao Brasil, o seu aprofundamento na formação e identidade nacional, percebe-se a sua presença nas instituições sociais, econômicas, políticas e culturais. No cotidiano, nas interações sociais, está presente o legado colonial. A educação não foge disso. Fomos educados dentro da estrutura eurocêntrica, aprendemos a história oficial, os seus heróis, seus símbolos, os seus feitos, suas "descobertas", suas conquistas, seus pensamentos, filosofia, engenharia, matemática dentre outras coisas. Uma proposta diferente de educação está sendo discutida nos últimos anos, uma educação que nos conte a história real, que ressalte a especificidade e importância da contribuição africana ao Brasil, contribuição indígena, e que eduque, por exemplo, quilombolas, ribeirinhos, indígenas etc., a partir das suas próprias histórias, culturas, tradições e costumes. É um ato de mudança, revolucionário, que discute o lado do que foi e é invisibilizado pela história oficial. Diante disso, existe essa iniciativa de mudança no currículo escolar na Ilha do Marajó? Qual a sua visão enquanto pesquisadora e professora atuante na realidade Marajoara sobre esse tema?

Ana Smith: Acredito que as iniciativas têm sido enquanto proposta pedagógica das escolas públicas, de forma individual. Ainda não percebemos uma mudança de Projeto Pedagógico que direcione a educação municipal, portanto as iniciativas de introdução dos temas têm sido pelas escolas que possuem coordenadores pedagógicos com essa formação, geralmente egressos do Campus, ou mesmo, por alguns docentes de forma individual em determinadas

escolas municipais. Em Breves, por exemplo, vemos festivais de valorização da cultura local sendo realizados no decorrer do ano letivo e que são realizados contando com a presença de público em geral. Já no ensino médio percebemos uma mudança de perspectiva por meio da presença do IFPA na região que tem um Projeto Pedagógico que procura valorizar a identidade marajoara.

6. A questão racial é um tema relevante quando se discute acerca da formação de países que passaram pelo processo de "descobrimento" e colonização de nações ocidentais europeias. O tema da identidade é recorrente e visto tanto na esfera pública com reivindicações de movimentos sociais quanto no ambiente de discussão acadêmico, especialmente das ciências humanas. Logo, quais seriam as características da formação étnico-racial do Marajó?

Ana Smith: A formação étnica racial, segundo um estudo de Sarraf-Pacheco (...) é de natureza indígena e africana. O historiador compilou estudos de sociólogos, antropólogos e historiadores para compor um texto intitulado: “AS ÁFRICAS NOS MARAJÓS: Visões, fugas e redes de contatos⁵” publicado na obra: “Muito além dos Campos: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara” (2010), organizado por Denise Pahl Schaan e Cristiane Pires Martins. Nesse sentido, Sarraf-Pacheco faz a seguinte reflexão sobre as pessoas escravizadas na região e seus movimentos de fuga:

Se habitavam em Soure, poderiam ser encontrados em Gurupá. Se debandavam de Macapá, não era de estranhar que tivessem se embrenhado paras as bandas de Melgaço. Num ir e vir contínuo, por fora e mais precisamente por dentro da ilha, para livrarem-se das tormentas do cabo Maguari ou da pororoca de Chaves, negros, índios, mestiços optaram muitas vezes em navegar pelos estreitos de Breves, indo “socar-se” na fronteira Pará/Amapá/Guiana Francesa ou vice-versa. Os Marajós foram corredores por onde essas comunidades de fugitivos testavam e traçavam sinuosas práticas de liberdade. (Sarraf-Pacheco, 2010, p. 56)

O autor aponta que em busca de livrar-se da escravidão ocorreram deslocamentos na região marajoara, finalizando o texto com a seguinte frase: “nestas simbioses, as Áfricas foram recriadas nos Marajós, assim como as identidades de homens e mulheres marajoaras de matrizes multiétnicas vêm sendo reinventadas ao longo da história regional.” (Sarraf-Pacheco, 2010, p. 68)

7. Como se dão as relações de gênero no Marajó? Existem movimentos feministas nos municípios da Ilha?

Ana Smith: É possível dizer que as relações de gênero na parte ocidental marajoara ainda estão pautadas em atitudes e práticas machistas. A perspectiva de tratar a mulher como objeto, como ser passível de silenciamento e de controle de seus corpos pode nos explicar a forma como as meninas ainda são agenciadas para o trabalho infantil, ou para o abuso e a exploração sexual. Além disso, sabe-se de casos de abusos feitos no ambiente familiar, como

⁵ Sarraf-Pacheco, Agenor. As Áfricas nos Marajós: Visões, fugas e redes de contatos. In: Schaan, Denise Pahl e Martins, Cristiane Pires (Orgs). Muito além dos Campos: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. – Belém: GKNORONHA, 2010.

o do abuso praticado por pais, avós e tios. As mulheres são controladas por meio da violência doméstica ou diferentes tipos de violência como a psicológica.

Quanto ao movimento feminista, não sabemos que exista uma composição a nível de Marajó deste movimento, vemos que algumas mulheres se reconhecem como feministas. Podemos citar na época da mobilização do ELENÃO, foi criado um grupo e seguimos com as mobilizações, porém após o resultado das eleições essa movimentação aos poucos foi se dissipando.

8. Pensando o atual momento pandêmico vívido a nível mundial, com milhões de pessoas infectadas e mortas pela covid-19, a crise sanitária vitimou número elevado de pessoas tanto no norte do globo terrestre quanto no sul. Na Ilha do Marajó até o presente momento qual é a situação da pandemia? Que segmentos sociais foram mais afetados? Como foi e tem sido a gestão da saúde e a atuação política nos municípios da ilha? Qual a postura da população? Quais as estratégias adotadas pelas comunidades para proteção em relação à pandemia?

Ana Smith: Tivemos momentos bem intensos e preocupantes nesse período da pandemia, podemos dizer que nos meses iniciais, ou seja, em abril de 2020 o medo e a insegurança estavam bastante presentes na população marajoara. Observamos uma tentativa inicial da prefeitura de Breves de tentar barrar a contaminação por meio de um decreto de lockdown que foi duramente criticado pelos comerciantes. Na cidade de Breves ocorreram muitas mortes e aconteceram bem próximas uma da outra. Os meses em que os óbitos foram maiores: abril, maio e início de junho. Em uma reportagem do “O Liberal”, a cidade teve destaque negativamente pelo número de óbitos em tão pouco tempo.

O hospital de Campanha foi implantado em maio de 2020, o que contribui um pouco para diminuir os óbitos, porém foi desativado no segundo semestre de 2020 devido ter baixado o número de internações. Algumas estratégias de atendimentos foram feitas, como por exemplo direcionar pacientes com covid para a UPA e alguns postos. Tínhamos notícias também de que os atendimentos domiciliares ocorreram, todavia sabíamos que as visitas às comunidades ribeirinhas eram mais difíceis de acontecer.

Também por esse período havia uma tensão muito grande na população que sobrevivia da renda do trabalho informal, esse segmento sofreu um maior impacto nas vendas ou serviços que estavam impedidos de exercerem devido ao isolamento social. Percebemos pelas redes sociais as filas imensas que se formavam no período em que o auxílio emergencial foi destinado à população de baixa renda.

Quanto aos idosos, como temos contato maior com eles devido ao nosso projeto, alguns contatos foram feitos via telefone e nos relataram suas inseguranças e medos, principalmente por observarem os falecimentos dos seus pares, bem como o isolamento social provocou uma quebra em sua rotina e impediu que muitos pudessem interagir com seus amigos da mesma idade.

Atualmente contabilizam-se 128 óbitos no município e temos observado um número maior de contaminação diária. A população também não tem usado máscaras nas ruas e temos percebido, por meio de postagens em redes sociais, uma frequência maior de pessoas em bares e casas de show no município.

9. Diz-se da Amazônia que é uma região e civilização que se conecta mormente pelas águas. Talvez não haja sub-região da Amazônia em que isso seja mais verdade do que no Marajó. Como é esta dimensão da vida marajoara, de ser exclusivamente pelas águas? A ciência social eurocêntrica vem de um mundo que se conecta por vias terrestres e aéreas; o Marajó desafia esse modelo de pensamento, por ser um mundo social estruturado nas águas. Quais vocês intuem que sejam as correlações da vida fluvial com o imaginário do povo marajoara e com a estrutura social total do arquipélago?

Ana Smith: Existem duas perspectivas a se observar, a primeira é que a relação com as águas é encantadora, pois os ribeirinhos têm uma ligação muito forte com a natureza. Os olhares externos costumam propagar ideias erradas de que ser ribeirinho é sinônimo de pobreza, mas precisamos observar que há muitas vantagens para quem reside fora dos núcleos urbanos marajoaras, uma delas é contato direto com a natureza e uma regulada pelas águas, marés e seus recursos que ela proporciona. Não estou querendo dizer que a ausência de política pública aos ribeirinhos é justa, porém residir em lugares próximos aos rios para muitas famílias tem suas vantagens.

É necessário também compreender que há famílias ribeirinhas que conseguem se conectar com o mundo por meio das tecnologias e a comunicação tem sido mais frequente via antenas rurais, isso desmistifica a ideia de que residir no meio rural significa ser afetado pelo atraso.

No que se refere à “correlações da vida fluvial com o imaginário do povo marajoara”, o estudo antropológico de Joel Silva, (2019) traz reflexões sobre patrimônio imaterial que compõem as narrativas do povo marajoara. Esse patrimônio gira em torno das crenças nas encantarias presentes na região marajoara, parte dessas encantarias fazem referência às entidades presentes nas águas, como o autor diz:

na região do ocidente do arquipélago marajoara, nas fronteiras entre os municípios de Melgaço, Portel, Bagre, Breves e Gurupá, na concepção dos moradores construída, a partir das narrativas contadas, existe em suas compreensões tanto nas águas quanto nas florestas, lugares sagrados de cosmologias da encantaria percebidos como patrimônios do fundo. A existência desses patrimônios encantados está ligada aos lugares chamados de encanto – habitações dos encantados, espíritos e caboclos em espaços aquáticos ou matas. Nas narrações dos moradores estes espaços de encantos são apreendidos como cidades encantadas em conexões com diversos outros lugares de encantos, além da ligação de forma assimétrica com as cidades dos humanos, ou ainda cidade terrena. Nessas cidades encantadas, a lógica cultural dos moradores, produzem narrações constituintes das representações de suas cosmologias da encantaria, que desvelam a existência de patrimônios do fundo na encantaria marajoara. (SILVA, 2019, p. 64⁶)

Seu estudo, portanto, nos mostra a importância de refletir sobre as culturas pautadas nas tradições orais e valorizar suas práticas sociais, suas religiosidades e seus costumes.

10. Amapá e Pará além de estados que fazem parte da região amazônica e do norte do Brasil possuem suas aproximações e similitudes. Durante um longo período os

⁶ Conferir em: Silva, Joel Pantoja da Patrimônios, narrativas e encantaria no Marajó. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. 2019.

dois estados estiveram juntos no que era chamado de Grão-Pará. Logo, pode se esperar algumas semelhanças na sociedade, cultura, culinária etc. Pensando o fluxo de pessoas que saem da Ilha do Marajó com destino ao Amapá, com o objetivo de fazer trocas comerciais, acesso a saúde, passeio e até mesmo se estabelecer para viver, além da proximidade geográfica, é possível afirmar que tanto o Marajó contribuiu para a formação da sociedade amapaense, quanto o Amapá contribuiu para a sociedade marajoara?

Ana Smith: Sim, é possível dizer que há essa interligação entre as duas regiões. Sabe-se que o tempo de viagem de Breves até a capital do Amapá são 12 horas de navio, o que equivale ao mesmo tempo de viagem para Belém. Durante o tempo em que resido em Breves e, por ter parentes em Macapá, foi possível perceber essa ligação forte entre a região com tal município amapaense. Nota-se uma quantidade significativa de brevesenses residentes em Macapá.